

## COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

## Boileau, crítico dos outros e de si próprio

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Boileau, crítico dos outros e de si próprio", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 215-220.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE



## 106

## BOILEAU, CRÍTICO DOS OUTROS E DE SI PRÓPRIO

AO apresentarmos, na última emissão, algumas fábulas de La Fontaine, entrámos afinal — e o mais discretamente possível — num novo período da poesia francesa, naquilo a que se chama o «período clássico», o «grande século» ou o «século de Luís XIV» — que fundamentalmente se caracteriza por uma forte reacção contra o gosto barroco até aí dominante. Mas não se julgue que a poesia barroca, por causa disso, tenha ficado, a partir de então, bem morta e enterrada... Nem mesmo em França! E muito menos na maior parte dos outros países da Europa.

Seja como for, os grandes poetas do «século de Luís XIV» — um La Fontaine, um Molière, um Racine — mostram-se, de facto, muito diferentes daqueles que os precederam. O gosto pela clareza, o predomínio da razão, a procura da pureza vocabular — vêm opor-se, de forma radical, ao culto da obscuridade, aos excessos da emoção, a uma certa anarquia no emprego da linguagem. E caberia, sobretudo, a um contemporâneo e companheiro daqueles três poetas a que nos referimos — Boileau (Nicolas Boileau Despréaux) — a tarefa específica de particularmente sublinhar essas diferenças, essas oposições, e até mesmo de as transformar numa espécie de «programa».

Este programa — ou, melhor dizendo, esta nova «arte poética» — só veio a ser completamente expresso por Boileau, em 1674, com a publicação de um poema didáctico, em quatro Cantos, justamente intitulado... *Art poétique*. Verdadeira «bíblia» dos defensores do classicismo e alvo predilecto de todos os seus adversários, a *Arte Poética*, de Boileau, não passa, sob muitos aspectos, de um amontoado, pouco original, de preceitos e de lugares-comuns, embora contenha, por outro lado, matéria ainda hoje digna de reflexão para todos os aprendizes da poesia e, de maneira geral, para todos os aprendizes das letras.

Ora como se dá a circunstância de eu receber, constantemente, poemas, ou tentativas de poemas, de jovens poetas, de jovens poetisas, por vezes de outros e de outras menos jovens, e como em geral não tenho tempo para lhes responder individualmente, também sob este aspecto me parece oportuno lembrar aqui alguns dos tais conselhos de Boileau e, através deles, sintetizar assim aquilo que eu próprio, em muitos casos, gostaria de poder dizer aos autores de grande parte desses textos que recebo.

De alguns génios os tristes pensamentos Embaraçados sempre em nuvens densas, Não podem da razão nos luzimentos Desbaratar as fúnebres ofensas: Cuidai, se de escrever tendes intentos, Dando à ideia as luzes mais intensas, Que o que puro ou confuso se concebe, Mais claro ou mais escuro se percebe.

E sobretudo não caiais no abismo
De adulterar do idioma o ser sagrado,
Nunca admitais pomposo barbarismo
Inda na melodia disfarçado:
De que serve um soberbo solecismo?
Que val um termo próprio e viciado?
Enfim é o poeta mais divino
Sem pureza da língua autor indino.

Cuidai com ordem, e escrevei sem pressa, Não presumais de rápida loucura; Um estilo, que corre, e nunca cessa, Pouco do entendimento a força apura: Mais do que uma torrente, que se apressa A inundar a campanha áspera e dura Estimo um rio, que na branda areia Vagaroso entre as flores se passeia.

Lento vos apressai, mas neste espaço
Não desmaieis por não achar conceito,
Vinte vezes aplique à obra o braço
A forja de que foi discreto efeito:
Puli-a sem cessar, sem embaraço,
E tornai-a a pulir não satisfeito,
Dai-lhe talvez aumentos primorosos,
E riscai, que estes versos são gloriosos.

Não se estima um poema, que reparte Acertos com mil erros desluzidos; Hão-de ser sempre iguais em toda a parte Os extremos ao meio dirigidos; Firmam um todo as obras de mais arte De partes diferentes aos ouvidos; E assim nunca o discurso perca o fio Buscando longe um culto desvario.

O que acabaram de ouvir foi um trecho da parte final do Canto I da Arte Poética. E ouviram-no numa tradução empreendida, cerca de 1697, pelo 4.º Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses, figura intelectual da maior importância na reacção, operada também em Portugal, contra o espírito barroco. Trata-se, aliás, de uma tradução a que o próprio Boileau se referiu no Prefácio de 1701 à edição das suas obras completas... lamentando não poder publicá-la, etc..., etc..., por um amigo lhe ter extraviado o respectivo Canto I. Tratar-se-ia de uma desculpa de mau pagador? de alguém, enfim, que não teria apreciado a tradução? ou que não teria podido, por falta de conhecimentos de português, apreciá-la devidamente? Quanto a mim, trata-se de um trabalho muito sério — e de uma empresa de extrema dificuldade. O original de Boileau é, todo ele, em versos de doze sílabas — os chamados «alexandrinos» —, com rima emparelhada; e o Conde da Ericeira, como o verso alexandrino não era ainda então utilizado na poesia portuguesa (e não o seria, aliás, de maneira continuada, senão a partir de finais do século seguinte), tratou de empregar, na sua tradução, o decassílabo em oitavas de recorte camoniano. Deste modo, perdeu-se, creio eu, o que há de mais incisivo, de mais lapidar, nos alexandrinos de Boileau. Por outro lado, as traduções envelhecem mais depressa que os textos originais... Por isso mesmo, e para tornar mais patentes os conselhos de Boileau, dei-me eu próprio ao trabalho de traduzir em alexandrinos rimados o mesmo trecho da Arte Poética — e posso pelo menos garantir-lhes que ficou menos belo, mas ficou mais fiel:

Alguns talentos há, cuja brumosa ideia em densa nuvem só se exprime e se encadeia: nem a luz da razão a sabe penetrar.

Antes pois de escrever aprendei a pensar.

Conforme a ideia for mais ou menos escura, mais confusa há-de ser a expressão, ou mais pura.

O que bem se concebe expõe-se claramente, e o termo adequado irrompe facilmente.

Sobretudo, ao escrever, que a língua respeitada, mesmo a quem se exceder, se mantenha sagrada! Em vão apreciarei um som melodioso, se impróprio for o termo, e o uso vicioso. Não admito assim pomposos barbarismos, nem num verso de truz soberbos solecismos... Sem pureza da língua o poeta mais divino não passará jamais de um escritor indigno.

Com ócio trabalhai (o tempo não interessa!), e desdenhai de quem se atreva a dar-vos pressa. Se rápido, a rimar, o estilo tiranizo, não mostro então valor, mas só falta de siso. De um rio gosto mais, que, sobre a mole areia, num prado todo em flor lentamente passeia, do que de uma torrente, em trágico furor, que transbordando inunda os campos em redor.

Apressai-vos, mas só com sábia lentidão; sobre o mesmo lavor voltai a pôr a mão. E tratai de o limar, e tornar a limar: acrescentar é bom; melhor inda é riscar...

Numa obra que esteja eivada de defeitos, nem hão-de salientar-se alguns passos perfeitos. É preciso que tudo em suma se entrelace, que ao início responda o próprio desenlace.

Com arte delicada as peças ajuntadas hão-de um todo formar das partes mais variadas. E o discurso jamais se afaste do seu rumo para ao longe brilhar com imagens de fumo...

Independentemente do valor de cada uma das traduções (e eu próprio já disse o que pensava a este respeito), dir-se-á talvez, à primeira audição, que as duas coisas pouco têm a ver uma com a outra... Mas isso deve-se, em primeiro lugar, a um facto a que já tenho aludido e ao qual se referiu, ainda há pouco, numa conferência pronunciada na Faculdade de Letras de Lisboa, o meu amigo e grande ensaísta Roger Caillois: um mesmo texto, traduzido por pessoas diversas e em épocas diferentes, acaba por transformar-se em diferentes textos...

Seja como for, através destas duas versões de um só original, será fácil apreendermos as grandes lições de Boileau: a necessidade de se pensar com clareza para com igual clareza se escrever; a necessidade de cada pessoa conhecer bem a língua em que se exprime; a vantagem de se realizar uma obra sem pressas, com toda a tranquilidade; a conveniência, inclusivamente, de se refazer aquilo que se fez, de limar, com todo o cuidado, o trabalho que já parecia estar concluído; e, por fim, a harmonia rigorosa (hoje dir-se-ia a «estrutura») que deve existir entre todas as partes de uma obra. Estes preceitos (chamemos-lhes assim) ainda hoje se poderiam aplicar a muita gente — e até mesmo a alguns escritores de nomeada... Mas o que nos interessa é observar que tais preceitos, durante o século de Luís XIV, surtiram os melhores efeitos nas obras de um Racine, de um Molière, de um La Fontaine.

Em contrapartida, os autores apressados e que se mostram contentes com tudo aquilo que fazem continuarão a merecer algumas das flechas muito afiadas

que lhes dirigiu Boileau. Estas, por exemplo, novamente em tradução do Conde da Ericeira:

Em se não desdizer vive empenhado
O néscio autor em contumácia fera,
E um verso não consente ver riscado,
Como se nele um título perdera;
A quem encontra, afirma confiado,
Que sempre amou a crítica severa,
Que tem nos versos mando soberano,
E lhe prende a atenção com este engano.

Depois de os recitar muito contente
Logo um simples encontra a que os refira,
Que um néscio autor no século presente
Sempre encontra outro néscio que o admira:
Na nobreza e no vulgo juntamente
Tem parciais a ignorância, em que respira,
E sempre louva (a sátira é constante)
Ao ignorante algum mais ignorante.

Como se vê (como se ouviu), Boileau pode ser considerado, antes de mais, como um crítico construtivo. Mas também destruiu... quando era necessário. De qualquer modo, ele tinha consciência, tanto num caso como noutro, que estava longe de ser um verdadeiro criador — como os seus amigos La Fontaine, Molière ou Racine. E não é por acaso que o seu nome, hoje em dia, é muito menos conhecido que o de qualquer destes seus três companheiros de geração. É que a verdade é esta: os críticos passam, os poetas ficam.

No entanto, num momento de lucidez, Boileau foi capaz de reconhecer que só «o gosto de censurar o fizera poeta». E foi mesmo ao ponto de escrever uma sátira contra si próprio — contra o seu próprio espírito —, sátira essa bastante ambígua, a dar uma no cravo e outra na ferradura, a procurar enaltecer-se através dos ataques que a si mesmo dirige, mas a deixar transparecer, apesar de tudo, uma negativa imagem bastante corajosa... E com um trecho dessa sátira, a cuja tradução também me abalancei, é que se encerrará a nossa emissão de hoje. Eis o trecho:

Meu espírito, é a vós que desejo falar. Tendes defeitos tais que os não posso ocultar: já por tempo de mais, cobarde e complacente, em vossos jogos vis deixei-vos insolente; mas agora, por fim de cabeça perdida, hei que dizer-vos tudo uma só vez na vida.
Julgará quem vos vê, em tão livres comícios,
discorrer um Catão, de virtudes e vícios;
do mérito julgar, do valor dos autores,
fazer impunemente o sermão aos doutores,
como se apenas vós, da sátira ao abrigo,
de falar e escrever não sofrêsseis o perigo.
Mas eu, que do que sois bem conheço os segredos,
vossos defeitos sempre aponto com os dedos,
e rio, se vos vejo, assim estéril e fraco,
o cuidado tomar de reformar o estado.

E respondei-me, vá! Por que veia indiscreta, sem as Musas ouvir, vos considerais poeta? Acaso sentireis os transportes violentos a que a inspiração sabe dar movimento? Quem é que vos soprou audácia, nesse caso? Foi para vós que Apolo aplanou o Parnaso? Então não sabeis vós? Nesse monte divino, só não cai afinal quem voa lá no cimo...